

## MASCULINIDADES E DOCÊNCIA INFANTIL “Uma Análise de Artigos Publicados em Periódicos Nacionais”

Cíntia De Paula Borges Menezes  
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL  
Bolsista CAPES – Brasil  
cintia.pabome7@gmail.com*

Simpósio Temático nº 1: “Meninos Vestem Azul”: ST 01: a permanência da importância dos estudos da(s) masculinidade(s) para as Ciências Sociais

### Resumo

Este artigo sistematiza os resultados da revisão de literatura referente à docência masculina na Educação Infantil. Tem como objetivo identificar e analisar algumas produções científicas sobre a atuação de professores homens em creches e pré-escolas, a fim de mapear tendências de pesquisa e eventuais lacunas. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estado do conhecimento. Foram realizadas pesquisas do seguimento artigo nas bases de dados Scholar Google, Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Scientific Electronic Library (SciELO). Adotamos como referência teórica Romanowski e Ens (2006), Lüdke e André (1986), dentre outros/as autores/as. Os resultados indicam a existência de notórias pesquisas sobre masculinidades e Educação Infantil, possibilitando compreender como a presença masculina é abordada nas produções científicas.

**Palavras-chaves:** Estado do conhecimento. Masculinidades. Educação Infantil.

### 1 Introdução

A docência é uma profissão eminentemente feminina. As normas sociais estabelecem padrões numa perspectiva binária, determinando o que se espera de “ser mulher” e “ser homem” e dividindo os espaços e funções destinados a cada gênero. “Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade” (BENTO, 2011, p. 552).

A construção de masculinidades é orientada no sentido de rejeição do que se aproxima do feminino. Quando o menino brinca de boneca, há um “pânico moral” sobre a representatividade do ato. Neste mesmo sentido, quando um homem borra estas normas heteronormativa e exerce profissão fora do “masculino padrão”, há desconforto, estranhamento e desconfiança.

Na construção do corpo masculino, não cabem determinadas ações que colocam a masculinidade e virilidade em risco, como é o caso da docência. Silva, Santana e Lage (2018) explicam que os códigos sociais criados nos corpos dos sujeitos implicam em seu próprio modo de existência. Estes códigos delimitam os espaços de homens e mulheres. O espaço público é destinado aos homens e o espaço privado às mulheres.

Connel e Pearse (2015) afirmam que, embora as mulheres sejam parte substancial da população economicamente ativa, elas se encontram nos empregos menos valorizados, inclusive em serviços relacionados ao cuidado, como a educação básica. Neste contexto, embora a presença feminina seja majoritária e se compreenda que homens devem exercer funções socialmente mais valorizadas, surgem algumas exceções.

O Censo Escolar (2019) revela que, dos/as professores/as (640.314) que atuam na Educação Infantil no Brasil, apenas 4% (25.440) são homens. Este pequeno percentual também abrange aqueles docentes que atuam em funções administrativas ou substituem gestão, ou seja, que não trabalham diretamente com turmas. Logo, o número de professores homens que atuam na Educação Infantil é ainda menor.

Louro (2010) explica que a percepção da docência como profissão feminina foi gradativamente construída; primeiro com o ingresso das mulheres em sala de aula como estudante e, após, como professoras. Segundo Louro (2010), o ingresso destas mulheres no mercado de trabalho como professoras resultou na compreensão da docência como extensão da maternidade.

No mais, importante compreender que a docência na Educação Infantil foi desde os primórdios pensada como espaço feminino de educação e cuidado. Neste sentido, Rosemberg (1999) explica que a creche e a pré-escola são atividades historicamente consideradas femininas e exercidas desde o início por mulheres. Ou seja, “diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim da infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX” (ROSEMBERG, 1999, p. 11).

“Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são alvo de representações” (LOURO, 1997, p. 99). A ausência de homens na docência infantil reforça estereótipos e preconceitos sobre a divisão de profissão por gênero e a relação da docência com maternidade. Nas palavras de Da Silva (2021, p. 205), ao ingressarmos em creches e pré-escolas “fica nítido que se trata de um lugar de atuação feminina, seja pela grande quantidade de profissionais mulheres ou pela presença majoritária das mães que levam e buscam seus filhos e suas filhas”.

Embora se reconheça a existência de notáveis produções científicas na área de gênero e educação, ainda há muito o que se explorar e aprofundar. Lüdke e André (1986, p. 1) explicam que “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

Jacomini e Silva (2019, p. 18) afirmam que é necessário fazer um levantamento prévio do que já foi produzido sobre o tema, vez que não é faculdade do pesquisador “ignorar o que os colegas já fizeram, como fizeram e a que conclusão chegaram”.

A expansão de programas e eventos sobre educação fomentaram a pesquisa na área, e, com isso, houve intensificação nas publicações. As pesquisas do tipo “estado da arte” em educação, buscam mapear estas publicações, revelar discursos descontínuos ou contraditórios, analisar, categorizar e investigar mudanças. (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Através deste trabalho científico, apresentamos os resultados de estudos bibliográficos sobre a temática “professores homens na Educação Infantil”.

## **2 Desenvolvimento**

### **2.1 Método: estado do conhecimento**

Para a pesquisa, mapeamos e analisamos estudos que relacionam educação, docência e masculinidades. Isso porque, com a identificação das produções científicas através do estado do conhecimento, é possível delinear as tendências de estudos já realizados, eventuais lacunas, bem como pensar novos postulados.

Desenvolvemos um estudo sobre o estado do conhecimento segundo a definição de Romanowski e Ens (2006, p. 40), que afirmam que o estado do conhecimento “aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado”.

Ferreira (2002, p. 258) explica que, as pesquisas bibliográficas nomeadas como estado do conhecimento “são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que buscam investigar”.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados Scholar Google (Google Acadêmico), Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Inicialmente, os filtros aplicados foram quanto ao período de publicação (entre os anos de 2000 a 2021) e quanto ao idioma da página (somente em português).

Na base Scholar Google (Google Acadêmico) e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizamos os operadores booleanos “docência” AND “Educação Infantil” AND “masculinidades” AND “gênero” AND “professor”. Na base de dados Scientific Eletronic Library Online (SciELO) essa seleção de descritores não gerou resultados, razão pela qual, nesta base usamos os operadores booleanos “docência” AND “masculinidades”.

Estes procedimentos resultaram no total de 891 (oitocentos e noventa e um) textos científicos, sem a exclusão de teses, dissertações e artigos duplicados em mais de uma base. Do total de trabalhos encontrados, escolhemos analisar 10 (dez) artigos de periódicos nacionais.

Para a definição das produções científicas a serem usadas neste estado do conhecimento, procedemos a análise dos títulos, resumo e palavras-chaves, excluindo aquelas publicações que não estavam de acordo com o tema proposto.

## **2.2 Da análise e discussão dos dados**

Os trabalhos selecionados se relacionam com a temática proposta neste artigo, mas diferem-se em ano, autor/a/s, palavras-chave, abordagem, análise de dados, etc. Para melhor identificação dos artigos analisados, organizamos os artigos por ordem crescente do ano de publicação e representamos cada artigo com um número romano.

Quadro 1 – Elementos identificadores dos trabalhos científicos.

Representação	Título	Autor/a/s	Palavras-chaves	Ano
I	Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mariana Kubilius Monteiro</li> <li>• Helena Altmann</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Docência</li> <li>• Educação Infantil</li> <li>• Gênero</li> <li>• Masculinidade</li> </ul>	2014
II	“Fora do lugar ou um lugar novo”: a presença masculina na Educação Infantil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eliana Maria Ferreira</li> <li>• Timóteo Neres de Oliveira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homem</li> <li>• Educação Infantil</li> <li>• Gênero</li> </ul>	2016
III	O professor homem na Educação Infantil: um olhar acerca do preconceito.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Júlio Régis da Silva</li> <li>• Viviane Lima Martins</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preconceito</li> <li>• Professor Homem</li> <li>• Educação Infantil</li> </ul>	2016
IV	Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Josiane Peres Gonçalves</li> <li>• Adriana Horta de Faria</li> <li>• Maria das Graças Fernandes de Amorim dos Reis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representações sociais</li> <li>• Educação Infantil</li> <li>• Homens professores</li> </ul>	2016
V	Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nubea Rodrigues Xavier</li> <li>• Bianca Camacho de Almeida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Docência</li> <li>• Gênero</li> <li>• Crianças pequenas</li> </ul>	2016
VI	Professores homens na educação inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Joaquim Ramos</li> <li>• Maria de Fátima Cardoso Gomes</li> <li>• Alexander Ruiz Silva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Professores homens</li> <li>• Educação Infantil</li> <li>• Colômbia</li> </ul>	2020
VII	“Eu acho estranho!”: compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lenira Haddad</li> <li>• Claudia Denise Sacur Marques</li> <li>• Luciano Henrique da Silva Amorim</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Educação Infantil</li> <li>• Gênero</li> <li>• Presença masculina na Educação Infantil</li> </ul>	2020
VIII	Há um homem na Educação Infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• João Paulo Baliscei</li> <li>• Heloisa Toshie Irie Saito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gênero</li> <li>• Estudos das masculinidades</li> <li>• Infâncias</li> </ul>	2021
IX	Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alexandre Rodrigo Nishiwaki da Silva</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aprendizagem dialógica</li> <li>• Educação Infantil</li> <li>• Masculinidades</li> </ul>	2021
X	Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sandro Vinicius Sales dos Santos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homens</li> <li>• Docência</li> <li>• Masculinidade</li> <li>• Educação infantil</li> <li>• Crianças</li> </ul>	2021

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Os/as pesquisadores/as são mistos, mas as mulheres se revelam a maioria. Todas/os pesquisadoras/es são da área da Educação.

Quanto às palavras-chaves, destaca-se que em quase todos os artigos aparece explicitamente “Educação Infantil” (I, II, III, IV, VI, VII, IX e X). O termo “gênero”, considerado uma categoria de análise, aparece em metade dos artigos (I, II, V, VII e VIII). O termo “masculinidades” e correlatos (como “homem” e “professores”) aparecem em quase todos (I, II, III, IV, VI, VII, VIII, IX e X), exceto em um (V).

No estudo da presença masculina em sala de aula, é importante demarcar como “docência masculina”. Ainda que nos estudos de gênero não se separam homens e mulheres, que estão envoltos em relação de alteridade, a Língua Portuguesa tende a substituir palavras femininas por outras masculinas quando no espaço há um único homem entre muitas mulheres. Em razão disto, apenas o uso da palavra “professores” poderia não demarcar por si só especificamente a docência masculina.

Desse modo, a linguagem representa uma das áreas que se cristalizam e naturalizam as diferenciações entre masculino e feminino: Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural”. [...] No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças. (LOURO, 2012 p. 65, grifo da autora).

Neste sentido, todos os títulos, sem exceção, constam palavras ou termos correlatos que se referem a “professor” “homem” e “Educação Infantil”. No mais, embora os títulos gozem de aparente similaridade, seus resumos revelam-se pesquisas distintas. Também são diversos os referenciais teóricos, metodologias e locais das pesquisas.

Quadro 2 – Dados dos trabalhos científicos.

Representação	Referencial teórico	Metodologia	Local
I	• Connell; Hirata e Kergoat; Scott; Souza	• Entrevista	• Campinas/SP
II	• Hahner; Louro	• questionário aberto	• Dourados/MS
III	• Junqueira; Miranda; Oliveira; Silvia	• revisão bibliográfica	• não se aplica

IV	• Gonçalves; Louro; Sayão; Scott	• Entrevista • questionário semiestruturado	• Itaquiraí/MS • Tacuru/MS • Corumbá/MS • Campo Grande/MS
V	• Carvalho; Louro; Scott; Vianna	• questionário semiestruturado • observação	• Dourados/MS
VI	• Carvalho; Chauí; Connell; Junqueira; Sayão	• Entrevista	• Colômbia
VII	• Bento; Jensen; Louro; Miskolci; Scott	• grupo focal	• Maceió/AL • Aahurs (Dinamarca)
VIII	• bell hooks; Connell; Gonçalves; Pearse; Saito; Sayão	• revisão bibliográfica	• não se aplica
IX	• Connell; Habermas; Monteiro; Scott	• reflexões sobre a própria prática docente	• não informado
X	• Connell; Cruz; Jacques; Jaeger; Pearse; Ramos; Sayão	• Etnografia	• Belo Horizonte/MG

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Cada uma das pesquisadas utilizou método diferente para atingir seus objetivos: grupo focal (VII), entrevista (I, IV e VI), questionário semiestruturado (IV e V), questionário aberto (II), revisão bibliográfica (III e VIII), observação (V), etnografia (X) e reflexões sobre a própria prática docente (IX). Desta análise, constata-se que em 80% das produções científicas (I, II, IV, V, VI, VII, IX e X) os pesquisadores buscaram informações diretamente com os sujeitos da pesquisa; apenas dois trabalhos (III e VIII) foram bibliográficos.

Os artigos foram publicados em anos diferentes, mas dentro do lapso temporal de 7 (sete) anos, de 2014 a 2021. Destaca-se que metade dos artigos (VI, VII, VIII, IX e X) foram publicados durante a pandemia Covid-19: nos anos de 2020 e 2021.

O local observado ou pesquisado também se difere: Campinas/SP (I); Dourados/MS (II e V); cidades de Mato Grosso do Sul, incluindo um professor indígena (III); Colômbia (VI); Maceió/AL e Aahurs (Dinamarca) (VII); e Belo Horizonte/MG (X).

Verifica-se ainda que, embora com temáticas similares, os trabalhos partem de observações distintas. Dividimos os trabalhos em 4 grupos, a saber: A creche e a pré-escola como não-espço masculino; O professor homem e os cuidados íntimos do corpo infantil; O professor homem como gerenciador de mau comportamento; e Reflexões sobre a presença masculina

Quadro 3 – Artigos divididos em grupos temáticos.

Grupo	Artigo	Representação
• A creche e a pré-escola como não-espço masculino	• Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação	I
	• “Fora do lugar ou um lugar novo”: a presença masculina na Educação Infantil	II
	• “Eu acho estranho!”: compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil	VII
• O professor homem e os cuidados íntimos do corpo infantil	• O professor homem na Educação Infantil: um olhar acerca do preconceito	III
	• Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos	IV
	• Professores homens na educação inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana	VI
	• Há um homem na Educação Infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças	VIII
• O professor homem como gerenciador de mau comportamento	• Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças	X
• Reflexões sobre a presença masculina	• Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina	V
	• Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil	IX

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Quanto à creche e a pré-escola como um não espaço masculino, o artigo (I) “*Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação*” versa sobre a trajetória inicial de homens que optam por trabalhar na Educação Infantil. Monteiro e Altmann (2014) trazem características do ingresso, permanência e consolidação destes homens como profissionais de Educação Infantil.

Os sujeitos relataram dificuldades referentes ao próprio trabalho pedagógico e referentes ao “estranhamento” e olhares de suspeita por estarem em uma profissão predominantemente ocupada por professoras. Sobre este olhar de suspeita constante, Monteiro e Altmann (2014) ilustram os questionamentos de familiares: “*Mas pode, professor na educação infantil?*” e “*Homem não foi feito para esse cargo*”, destacando que a figura masculina é esperada na zeladoria, guarda, mas não na docência.

Os questionamentos também se voltam para a sexualidade, bem como a suspeita de eventual pedofilia quando envolve cuidados com o corpo infantil. Tendo em vista a



masculinidade hegemônica, o simples fato destes professores escolherem a docência, tem sua sexualidade questionada e são indagados sobre as reais intenções de trabalhar com bebês e crianças. (MONTEIRO; ALTMANN, 2014).

O artigo (VII) “*‘Eu acho estranho!’: compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil*” versa sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores homens na Educação Infantil em Maceió/AL (Brasil) e em Aahurs (Dinamarca) e como são as experiências destes profissionais em contextos distintos.

Haddad, Marques e Amorim (2020) contextualizam a pesquisa levando em consideração gênero como uma categoria de análise, conforme dispõe Scott (2019). Os autores (2020), assim como os demais artigos, afirmam que o corpo masculino sofre adequações segundo critérios socioculturais heteronormativos.

No cenário dinamarquês, chamou a atenção a expressiva presença masculina. Além de observar os três professores homens na instituição infantil, haviam assistentes de pedagogos homens e também um relevante número de pais (homens) que levavam seus filhos ao Jardim de Infância. Jensen (2017 apud HADDAD; MARQUES; AMORIM, 2020) explica que há proposta de aumentar o percentual para 20% de professores homens na Educação Infantil, contudo, em que pese campanhas e iniciativas para atrair os homens, o preconceito ainda impera entre os dinamarqueses.

O artigo (II) “*‘Fora do lugar ou um lugar novo’: a presença masculina na Educação Infantil*” versa sobre a relação cotidiana de homens que atuam na Educação Infantil. Os autores (2016) ouviram homens que trabalham como docentes e como gestores, investigando seus enfrentamentos e possibilidades de atuação. Os profissionais da pesquisa afirmaram que trabalhar na Educação Infantil não foi a primeira escolha e sim o que apareceu no momento. Segundo Ferreira e Oliveira (2016, p. 105),

[...] trabalhar rumo a superação de representações que diminui o profissionalismo na Educação Infantil; que atribui a mulher propensão natural ao trabalho com crianças; fomentam o preconceito com relação aos homens que atuam nesta etapa da educação básica, precisam ser combatidos diariamente. No contato com professores que estão atuando na educação infantil, percebemos que as maiores dificuldades estão fora do ambiente de trabalho, mesmo que ali também possa se perceber, e habitam o imaginário social, ou seja, são as representações construídas sobre os gêneros masculino e feminino que invadem suas trajetórias.

Quanto ao professor homem e os cuidados íntimos do corpo infantil, o artigo (VIII) “*Há um homem na Educação Infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças*” traz considerações sobre a presença de homens (professores e coordenador) na Educação Infantil e sobre masculinidades, educação e cuidado. O texto se volta para a questão do cuidado, especialmente o banho, exercido por homens em bebês e crianças pequenas, e como tal prática ainda causa estranhamento ante a percepção social de que o cuidado é uma função feminina.

[...] em uma sociedade cujas práticas culturais são atravessadas pelo patriarcado, a presença de professores homens na educação infantil contribui não só para desestabilizar os aspectos negativos da masculinidade hegemônica, como também para provocar fissuras nas compreensões mais rígidas acerca das profissões, que tendem a genericá-las conforme as habilidades que requerem e o status que detêm. Assim, a existência de professores homens na educação infantil é uma oportunidade para que as crianças aprendam, desde muito cedo, que os homens também podem ser gentis, pacientes, delicados, didáticos, afetivos e cuidadosos com crianças sem que suas masculinidades sejam diminuídas. É uma possibilidade de as crianças vivenciarem as inúmeras características das relações sociais e, portanto, de se humanizarem por intermédio das ações da educação infantil. (BALISCEI; SAITO, 2021, p. 317).

O artigo (III) “*O professor homem na Educação Infantil: um olhar acerca do preconceito*” versa sobre o preconceito enfrentado por professores homens que atuam na Educação Infantil, traçando uma relação entre docência, relações de gênero e masculinidades. Segundo os autores (2016), a Educação Infantil exige que o docente execute cuidados íntimos, como dar banho e trocar fraldas; ainda, o afeto também está muito presente; todas estas funções consideradas exclusivas das mulheres.

Silva e Martins (2016, p. 26) explicam que “ao aparecer a possibilidade de um homem praticar essa atividade, podem-se levantar questões do tipo: até onde isso é ou não permitido, pela sociedade, pela escola e, porque não, pelo próprio homem?”.

A escola pode ser vista como uma instituição social que transmite cultura, e também uma continuação do lar, onde a criança tem a necessidade de ter cuidados (tomar banho, ser alimentada, trocar fraldas) e ser educada (coordenação motora, alfabetização, artes etc.), e muitas vezes a família não quer que esse tipo de ação seja elaborada por um homem. Assim, o professor (do sexo masculino) muitas vezes tem sua profissão dificultada e é até extraviado para outras funções. (SILVA; MARTINS, 2016, p. 40).

Os autores (2016) perpassam questões como preconceito, estereótipos, homofobia e masculinidade para compreender o estranhamento de professores homens na Educação Infantil. O preconceito com o profissional masculino também está presente nas escolas, “que não abrem espaços para homens em suas instituições. Em classificados de empregos é muito comum encontrar anúncios a procura de profissionais do sexo feminino em escolas de educação infantil” (SILVA; MARTINS, 2016, p. 42).

Referente ao artigo (VI) “*Professores homens na educação inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana*”, como o nome sugere, ele versa sobre a docência masculina na Educação Infantil na Colômbia. A pesquisa considerou gênero uma categoria de análise, tal qual Scott (2019), numa perspectiva relacional entre professoras e professores.

Os autores (2020) constataram que as relações dos professores homens com as crianças não são permeadas de preconceitos, no entanto, o trabalho desenvolvido por eles é diferente do realizado pelas professoras, o que gera tensões e ambivalências. Nos relatos é evidente o receio dos próprios professores homens tocarem os corpos infantis.

Em (IV) “*Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos*”, Gonçalves, Faria e Reis (2016) verificaram as representações sociais de professores homens que trabalhavam com bebês e crianças. Na pesquisa, as autoras constataram que os professores não exercem plenamente suas atividades docentes, pois são proibidos de trocar fraldas e dar banho. Segundo as autoras (2016), esta delimitação está diretamente relacionada ao receio da pedofilia e até mesmo os entrevistados rejeitaram a possibilidade de exercerem estas funções.

Sobre essa desconfiança, Campos et al. (1991) explicam que pureza atrelada à maternidade e à docência feminina como maternagem não são extensivas à paternidade. Segundo Ramos (2011), a restrição do ato de cuidar somente se aplica aos homens, é como se as mulheres tivessem a garantia natural de não abusadoras.

Gonçalves, Faria e Reis (2016) discorrem sobre a especificidade de um professor homem indígena que atua em comunidade indígena. A dinâmica se revela diferente. Nos primeiros anos, a mãe é responsável pelo cuidado do bebê, depois o pai ensina para uma vivência em comunidade mais autônoma, “*não tem isso de levar ao banheiro*”.

Quanto ao professor homem como gerenciador de mau comportamento, em (X) “*Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças*”, Santos (2021) analisa como as crianças atribuem sentido à presença de

professores homens na Educação Infantil. O estudo foi realizado com 25 crianças, uma professora e um professor.

Em sua análise, o autor (2021) constatou que a professora atribuía parte de suas responsabilidades ao professor. Nos relatos das crianças e dos docentes resta clarividente que o professor exerce figura de agenciador do bom comportamento das crianças. A professora assume a função de acolhedora, amorosa, a que cede, a que “controla” o mau comportamento sob a ameaça de chamar a figura masculina. O professor tem postura mais autoritária, de ordem, o que impõe castigos e restrições.

Portanto, somente a presença masculina na docência não seria capaz de promover equidade de gênero e combater preconceitos, por vezes a presença acaba reforçando estereótipos de gênero. Neste sentido, Santos (2021, p. 15) afirma que:

Para combaterem-se preconceitos baseados nas representações de gênero, não basta somente assegurar a presença de professores homens na educação e nos cuidados desenvolvidos no âmbito da educação infantil; não basta ser homem ou mulher, pois, para além da condição humana, é necessário que o respeito às diferenças — de qualquer natureza — seja uma discussão permanente em qualquer uma das etapas de formação das pessoas (não apenas no âmbito da educação escolar), mas que seja, sobretudo, um debate constante na educação infantil.

Quanto às reflexões sobre a presença masculina, o artigo (V) “*Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina*” versa sobre a docência masculina em comunidade escolar de Educação Infantil; analisa o pensamento histórico e cultural sobre quais papéis são masculinos e femininos.

Além de trabalhar esta presença com professores e a comunidade escolar, as autoras (2016) buscaram a percepção das crianças sobre masculinidades e docência enquanto função feminina. Para isso, leram para as crianças o livro “Príncipe Cinderelo” e observaram as manifestações. Segundo Xavier e Almeida (2016, p. 118),

Nota-se ao analisar as falas [das crianças], que as mesmas expõem um pensamento tradicional de determinação de atitudes relacionadas a cada gênero, fazendo distinção de comportamentos, porém, ao mesmo tempo há um posicionamento referente à desconstrução das normas impostas socialmente diante das manifestações sobre as atitudes masculinas culturalmente atribuídas ao feminino.

Por fim, o artigo (IX) “*Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil*” é um relato e reflexão sobre

a prática de um professor homem que trabalhou na Educação Infantil. Da Silva (2021) também discorre sobre a masculinidade única e fixa.

Segundo o autor (2021), trabalhar com crianças e bebês reconfigura a masculinidade do educador. “A dita racionalidade masculina é substituída frequentemente pelo universo lúdico, mágico e fantasioso da infância, estabelecendo parcerias pouco comuns entre o eu-homem e o eu-educador” (DO SILVA, 2021, p. 206).

O autor (2021, p. 209) revela que percebeu em sua prática o estranhamento das crianças com sua presença naquele espaço ocupado geralmente por mulheres e conclui: “questionando, perguntando, dialogando e confrontando, vamos todos e todas reconstruindo a visão de ‘meninos’ e ‘meninas’ e, sobretudo, desconstruindo a ideia polarizada existente entre os gêneros”.

### **3 Conclusão**

O estado do conhecimento realizado possibilitou identificar, conhecer e analisar artigos científicos no que tange à docência masculina na Educação Infantil. Os resultados deste artigo revelam que a produções analisadas se preocupam em demarcar gênero como construção sociocultural e traçar uma relação entre masculinidade hegemônica e o estranhamento de homens na docência.

Os artigos também se preocupam em descrever quem são estes sujeitos, suas trajetórias, identidade profissional e enfrentamentos. Afinal, embora a tentativa de silenciamento, segregação e possíveis dificuldades, surgem exceções: os professores que ignoram os códigos sociais e exercer profissão fora da idealizada para seu gênero.

Como afirma Da Silva (2021, p. 210), “consideramos que ser homem e educador de crianças pequenas é um exercício político contra o poder patriarcal estabelecido em favor de novas masculinidades alternativas”. Acrescentando ainda que, a presença de docentes homens na Educação Infantil modifica a paisagem esperada, por vezes sendo capaz de derrubar expectativa de gênero na comunidade escolar.

#### 4 Referências bibliográficas

BALISCEI, J. P.; SAITO, H. T. I. Há um homem na Educação Infantil! Masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças. **Gênero**, Niterói, v. 21, n. 2, p. 296-320, jan./jun., 2021.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, mai./ago., 2011.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CAMPOS, M. M.; GROSBAUM, M.; PAHIM, R.; ROSEMBERG, F. Profissionais de creche. **Cadernos do Cedes**, Campinas, n. 9, p. 39-66, 1991.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Nversos, 2015.

DA SILVA; A. R. N. Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 15, n. 31, p. 199-213, jan./abr. 2021.

FERREIRA, E. M. “Fora do lugar ou um lugar novo”: a presença masculina na Educação Infantil. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 89-108, jan./jun., 2016.

FERREIRA, N. S. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, ago., 2002.

GONÇALVES, J. P.; FARIA, A. H.; REIS, M. G. F. A. Olhares de professores homens de Educação Infantil: conquistas e preconceitos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 988-1014, set./dez., 2016.

HADDAD, L.; MARQUES, C. D. S.; AMORIM, L. H. S. “Eu acho estranho!”: compreensões da presença de profissionais homens em contextos interculturais da Educação Infantil. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 409-436, jul./dez., 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2019. Brasília, **INEP**, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-basica>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

JACOMINI, M. A.; SILVA, A. A. Pesquisas em políticas educacionais: questões epistemológicas e desafios à consolidação da área da educação: 2000-2010. **Jornal de Políticas Educacionais**, Feira de Santana, v.3, n.5, fev. 2019.

LOURO, G. L. Gênero e magistério: identidade, história, representação. *In*: CATANI, D.B. (Orgs.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In:* PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010, p. 443-481.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, v. 44, n. 153, p. 720–741, 2014.

RAMOS, J. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte.** 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

RAMOS, J.; GOMES, M. F. C.; SILVA, A. R. Professores homens na educação inicial: um estudo de caso em uma instituição de Educação Infantil colombiana. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 382-408, jul./dez., 2020.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, set., 2006.

ROSEMBERG, F. Expansão da Educação Infantil e processo de exclusão. **Caderno de Pesquisa**, n. 107, p. 7-40, julho, 1999.

SANTOS, S. V. S. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, e260077, p. 1-18, 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SILVA, J. R.; MARTINS, V. L. O professor homem na Educação Infantil: um olhar acerca do preconceito. **Revista Científica Intraciência**, Guarujá, n. 11, p. 25-47, jun., 2016.

SILVA, M. A.; SANTANA, J. D. L.; LAGE, A. C. Um corpo estranho na Educação Infantil: a docência masculina em questão. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.** Rio Grande: Editora da FURG, 2018.

XAVIER, N. R.; ALMEIDA, B. C. Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 109-120, jan./jun., 2016.